

## Índice

Tabela Cronológica	7
Excerto do Prefácio de <i>Um Passado além do Tempo</i>	9
Primeira Parte	11
Segunda Parte	115
Terceira Parte	301
Quarta Parte	485
Quinta Parte	537
Sexta Parte	625
Notas	697

## Maio de 1453

### A Morte da Maga

Após um momento de reflexão, Constantino XI afastou a pilha de mapas das defesas da cidade que tinha à sua frente, apertou o seu manto púrpura e aguardou em silêncio. Ele possuía uma noção de tempo exacta: o abalo surgira precisamente no momento esperado, como que saído violentamente das entranhas da Terra. O castiçal de prata oscilou e uma nuvem de poeira, que provavelmente estaria presa ao tecto do Grande Palácio há mais de um milénio, caiu sobre as chamas das velas, libertando pequenas faíscas. O abalo fora provocado por uma das balas de canhão de pedra com mais de meia tonelada que atingiam as muralhas de Constantinopla a cada três horas — precisamente o tempo necessário para que os Otomanos voltassem a carregar a gigantesca bombardarda idealizada por Orbán. As muralhas atingidas pelas balas gigantes eram as mais resistentes do mundo: inicialmente erguidas no século v durante o reinado de Teodósio II, tendo sido desde então continuamente expandidas e reforçadas, constituíam a principal defesa dos Bizantinos contra os seus inimigos mais poderosos. Contudo, a cada impacto, as balas de pedra abriam grandes brechas nas muralhas, como dentadas deixadas por um gigante invisível. O imperador conseguia imaginar a cena: antes que os destroços lançados pelo ar tivessem sequer tido tempo de pousar, soldados e cidadãos precipitavam-se para a brecha acabada de abrir, como um bando de formigas valentes sob uma nuvem de poeira. Tentavam tapá-la com tudo o que encontrassem: tijolos e pedaços de madeira retirados dos edifícios da cidade, sacos de linho cheios de areia e até valiosos tapetes árabes... O imperador era até capaz de imaginar a poeira embebida no Sol crepuscular que alastrava lentamente sobre Constantinopla, como uma mortalha dourada que aos poucos ia cobrindo a cidade.

Durante as últimas cinco semanas do cerco à cidade, os abalos surgiam sete vezes por dia, em intervalos regulares, como as badaladas de um relógio colossal. Era a marcação de um tempo de outro mundo, um tempo pagão. Por comparação, os sinos de bronze com águias bicéfalas que, num dos cantos das muralhas, marcavam a hora do mundo cristão pareciam fracos e impotentes.

Algum tempo depois de o abalo ter cessado, Constantino teve de fazer um esforço para trazer os seus pensamentos de volta à realidade e fez sinal ao guarda para que deixasse entrar os visitantes que aguardavam no exterior. Frantzes entrou discretamente, acompanhado por uma jovem mulher, magra e de aspecto frágil.

“Majestade, esta é Teolona”, anunciou Frantzes, apontando para a jovem atrás de si, e em seguida gesticulando-lhe para que avançasse.

O imperador foi capaz de adivinhar a identidade da rapariga assim que a viu. Havia uma diferença assinalável entre a nobreza bizantina e a plebe no que às suas vestimentas dizia respeito. As vestes das mulheres nobres eram cobertas de jóias e ornamentos resplandecentes, ao passo que as plebeias se cobriam da cabeça aos pés com largos vestidos brancos de mangas compridas. No entanto, as vestes de Teolona aparentavam ser uma combinação de ambas as classes: ao invés de uma túnica bordada a ouro, o seu luxuoso manto cobria um simples vestido branco; por outro lado, parecia não se querer atrever a usar o púrpura ou o vermelho usados pela nobreza, pelo que o manto era de cor amarela. O seu rosto, de um encanto sedutor, fazia lembrar uma flor que preferia apodrecer no auge da beleza a definhar na solidão. Uma prostituta, que por sinal parecia ganhar bem a vida. O seu corpo tremia e, apesar de ter mantido a cabeça baixa desde que entrara, Constantino reparou que o olhar daquela jovem emitia um brilho intenso e febril, deixando transparecer um laivo de entusiasmo e expectativa raramente visto nas pessoas da sua classe social.

“Possuis o dom da magia?”, perguntou o imperador a Teolona, numa tentativa de colocar rapidamente um ponto final no assunto.

Frantzes era um homem ponderado e rigoroso. Dos mais de oito mil soldados naquele momento incumbidos da defesa da cidade, com exceção dos pouco numerosos membros do exército e dos dois mil mercenários genoveses, todos os restantes tinham sido meticulosamente recrutados por Frantzes de entre os cem mil habitantes da cidade. Embora o imperador não se tenha mostrado particularmente interessado, aceitou conceder uma audiência a Teolona por consideração para com o seu fiel ministro.

“Sim, Majestade, eu consigo matar o sultão”, respondeu Teolona, numa voz trémula e fina como um fio de seda.

Cinco dias antes, Teolona surgira às portas de Adrianópolis para requerer uma audiência com o imperador. Ao deparar-se com os guardas que lhe impediam a passagem, retirou subitamente um objecto do interior das vestes, deixando-os estupefactos. Embora não soubessem ao certo que objecto era aquele, nem qual seria a sua origem, tinham a certeza de que se tratava de algo fora do comum. Não concederam a Teolona uma audiência com o imperador; em vez disso, foi detida e levada para interrogatório, e questionaram-na sobre de onde tinha roubado aquele objecto. Após terem obtido a confissão, os guardas levaram-na por fim até ao ministro Frantzes.

Frantzes abriu o embrulho de linho que continha o objecto e colocou-o cuidadosamente sobre a escrivaninha do imperador. Constantino esboçou imediatamente o mesmo olhar de estupefacção dos guardas que cinco dias antes tinham visto aquele mesmo objecto pela primeira vez, com a única diferença de que o imperador sabia precisamente que objecto era aquele. Tratava-se de um cálice de ouro puro, incrustado de pedras preciosas, cujo brilho possuía uma beleza arrebatadora. Era um dos dois cálices moldados havia novecentos e dezasseis anos, durante o reinado de Justiniano I. Com excepção do formato e da distribuição das pedras preciosas, os dois cálices eram completamente idênticos. Um dos cálices mantivera-se desde sempre na posse dos sucessivos imperadores bizantinos, enquanto o outro tinha sido colocado juntamente com outras relíquias numa câmara secreta e completamente selada localizada nas profundezas da Basílica de Santa Sofia, aquando da sua reconstrução, no ano de 537. O cálice que tinham diante dos olhos era claramente este último, uma vez que a passagem do tempo se encarregara de tornar mais baço o brilho do que estava guardado no palácio. Em comparação, o segundo cálice resplandecia de tal forma que parecia ter sido moldado na véspera.

Inicialmente, ninguém acreditou nas palavras de Teolona, supondo que o cálice teria simplesmente sido roubado de casa de algum dos seus clientes mais abastados. Embora muitos soubessem da existência da câmara secreta sob a basílica, poucos estavam a par da sua localização exacta. A câmara secreta encontrava-se no meio das rochas que serviam de alicerce à basílica, sem qualquer porta ou passagem, o que a tornava completamente inacessível a não ser através da realização de um grande empreendimento de engenharia. Quatro dias antes, o imperador, temendo a queda iminente da cidade, ordenou que todos os pergaminhos preciosos e

reliquias sagradas fossem recolhidos e embalados de modo que pudessem ser rapidamente transportados em caso de emergência, embora estivesse perfeitamente ciente de que todas as rotas terrestres e marítimas tinham sido cortadas e que, caso a cidade fosse destruída, não haveria forma de escapar. Foram precisos três dias inteiros até os trabalhadores conseguirem penetrar na câmara secreta, cujas paredes eram constituídas por blocos de pedra tão imponentes quanto os da pirâmide de Quéops. As relíquias encontravam-se guardadas no interior de um grande sarcófago de pedra, no meio da câmara, que tinha também sido selado com uma dúzia de aros de ferro. Foi necessário quase um dia para finalmente conseguirem abrir o sarcófago. Serrados todos os arcos, os cinco trabalhadores, sob a vigilância apertada dos guardas, levantaram com esforço a tampa do sarcófago. Contudo, o que mais atraiu a atenção dos presentes não foram as relíquias e tesouros ali armazenados há mais de um milénio, mas um cacho de uvas ainda frescas colocado no topo. Teolona afirmara que tinha ali colocado aquelas uvas cinco dias antes e, tal como descrevera, metade das uvas tinham sido comidas, restando apenas sete no cacho. Comparando as relíquias presentes no interior do sarcófago com a lista gravada numa placa de bronze que se encontrava na cobertura, foi possível verificar a ausência do cálice. Sem o testemunho de Teolona, e não tivesse o cálice já sido encontrado na sua posse, mesmo que jurassem que a câmara secreta e o sarcófago estavam intactos quando ali chegaram, todos os ali presentes teriam sido certamente condenados à morte.

“Como o conseguiste retirar?”, inquiriu o imperador, apontando para o cálice.

Teolona tremia agora ainda mais intensamente. Era óbvio que o facto de possuir o dom da magia não era suficiente para que se sentisse segura naquele lugar. Teolona olhou para o imperador com um semblante aterrorizado durante algum tempo, até que finalmente respondeu: “Para mim, esses sítios... Esses sítios estão...” Teolona fez um esforço para encontrar a palavra certa. “Estão todos abertos.”

“Podes fazer-me uma demonstração? Retira algo de dentro de um recipiente selado sem o abrires.”

Teolona abanou a cabeça. Estava tão aterrorizada que não era capaz de pronunciar qualquer palavra, limitando-se apenas a procurar o auxílio de Frantzes através do olhar.

Frantzes respondeu em sua vez: “Ela disse que só consegue usar os poderes mágicos num determinado local. No entanto, recusa-se a revelá-lo e pede que ninguém a siga até lá. Caso contrário, o feitiço irá falhar e a sua magia nunca mais irá funcionar.”

Teolona virou-se para o imperador e acenou enfaticamente com a cabeça.

“Se estivéssemos na Europa, há muito que terias sido condenada a arder na fogueira”, suspirou Constantino.

Paralisada de medo, Teolona sentou-se no chão, encolhendo o corpo, já de si pequeno e esguio, numa bola. Fazia lembrar uma criança assustada.

“És capaz de matar?”, perguntou o imperador.

Teolona limitava-se a tremer no chão, só acenando com a cabeça após a insistência de Frantzes.

“Muito bem”, disse Constantino a Frantzes. “Façamos um teste.”

Frantzes conduziu Teolona por uma longa escadaria. Pelo caminho viam-se tochas nas paredes, que projectavam pequenos halos de luz na escuridão. Sob cada tocha estavam posicionados dois soldados armados cujas armaduras reflectiam as chamas, criando padrões de luz tremeluzentes nas paredes. Frantzes e Teolona chegaram, por fim, a uma cave envolta na escuridão. Sentindo-se subitamente com frio, Teolona envolveu-se no manto. Era ali que, durante os meses de Verão, o palácio armazenava blocos de gelo. Contudo, naquele momento, não havia ali gelo nenhum, apenas um homem acorçado num dos cantos, debaixo de uma tocha. Um prisioneiro de guerra que, a julgar pelo uniforme esfarrapado, era um oficial do exército anatoliano, a principal força otomana. Era um homem forte que, iluminado pelas chamas, recebia os visitantes com o olhar feroz de um lobo. Frantzes e Teolona pararam em frente à porta com grades de ferro.

Apontando para o homem no interior, Frantzes perguntou: “Consegues vê-lo?”

Teolona acenou com a cabeça.

Frantzes colocou um saco de pele de carneiro nas mãos de Teolona e, apontando para o prisioneiro, ordenou: “Vai agora e traz-me a sua cabeça antes do amanhecer.”

Teolona retirou do saco uma cimitarra, a sua lâmina reluzia friamente na escuridão como uma lua crescente, e devolveu-a a Frantzes, dizendo: “Excelência, não vou precisar disto.” A seguir, cobriu metade do rosto com a gola do manto e voltou a subir a escadaria com passos silenciosos. À medida que atravessava a penumbra iluminada pelos halos das tochas nas paredes, a sua silhueta aparentava mudar de forma — ora humana, ora felina —, até que, por fim, desapareceu na escuridão.